



**AS
COISAS
QUE
NUNCA
SUPERAMOS**

LUCY SCORE



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL
Rio de Janeiro, 2023



UM
O. PIOR. DIA. DE. TODOS

Naomi

Não sei o que eu esperava quando entrei no Café Rev, mas juro que não era uma foto minha atrás do balcão embaixo do título bem-humorado “Não A Sirva”. Um ímã de emoji carrancudo mantinha a foto no lugar.

Primeiro que eu nunca tinha colocado os pés em Knockemout, na Virgínia, muito menos feito algo para justificar uma punição tão escandalosa quanto ser negada caféina. Segundo, o que uma pessoa tinha que fazer nesta cidadezinha empoeirada para que sua foto fosse pendurada na cafeteria local?

Rá! Em pó eirada. Porque eu estava numa cafeteria. Meu Deus, eu era engraçada quando estava cansada demais até para piscar.

Enfim, terceiro, era uma foto pouquíssimo lisonjeira. Eu parecia ter caído na gandaia com uma câmara de bronzeamento artificial e um delineador barato.

Foi então que a realidade penetrou na minha cabeça exausta, atordoada e presa à vida por um fio segurado por grampos de cabelo.

Mais uma vez, Tina tinha dado um jeito de piorar minha vida. E considerando o que acontecera nas últimas 24 horas, isso não era pouca coisa.

— Do que gos... — O homem do outro lado do balcão, aquele que poderia fazer meu precioso *latte*, deu um passo para trás e ergueu as mãos do tamanho de pratos de jantar. — Eu não quero confusões.

Ele era um cara corpulento com pele lisa e escura e uma cabeça raspada e bem modelada. Sua barba bem aparada era branca como a

neve, e eu vi algumas tatuagens espreitando da gola e das mangas do macacão. O nome “Justice” estava costurado no curioso uniforme.

Tentei meu sorriso mais cativante, mas depois de passar a noite viajando e chorando com cílios falsos, parecia mais uma careta.

— Aquela não sou eu — falei, apontando para a foto com uma unha francesinha que fiz em vão. — Sou Naomi. Naomi Witt.

O homem olhou para mim com suspeita antes de fazer aparecer um par de óculos do bolso da frente do macacão e colocá-lo.

Ele piscou e me avaliou da cabeça aos pés. Vi cair a ficha.

— Gêmeas — expliquei.

— Ora, bolas — murmurou, passando uma daquelas mãos grandes na barba.

Justice ainda parecia um pouco cético. Não podia culpá-lo. Afinal, quantas pessoas tinham mesmo uma gêmea do mal?

— Aquela é a Tina. A minha irmã. Fiquei de me encontrar com ela aqui.

O porquê de a minha irmã gêmea distante me pedir para encontrá-la em um estabelecimento onde ela claramente não era bem-vinda era outra pergunta que eu estava cansada demais para fazer.

Justice ainda estava me encarando, e percebi que o olhar perdurava no meu cabelo. Por reflexo, revistei minha cabeça, e uma margarida murcha esvoaçou ao chão. *Opa*. Acho que era melhor eu ter me olhado no espelho da pousada antes de sair em público parecendo uma estranha desgrenhada e desvairada a caminho de casa após um festival de RPG.

— Aqui — falei, alcançando o bolso dos meus shorts de ioga e empurrando minha carteira de motorista para o homem. — Viu? Sou Naomi e eu quero muito, muito mesmo um *latte* gigante.

Justice pegou minha identidade e a estudou, depois olhou meu rosto de novo. Por fim, sua expressão estoica se desfez e ele começou a sorrir.

— Raios me partam. Prazer em conhecê-la, Naomi.

— É um prazer enorme conhecê-lo também, Justice. Ainda mais se vai trazer aquela cafeína de que falei.

— Vou fazer um *latte* para você que fará seu cabelo ficar em pé — prometeu.

Um homem que sabia como atender às minhas necessidades imediatas e com um sorriso? Não pude deixar de me apaixonar um pouquinho por ele ali mesmo.



Enquanto Justice colocava a mão na massa, admirei a cafeteria. Era decorada com o que parecia um estilo de garagem viril. Chapa corrugada nas paredes, prateleiras vermelhas brilhantes, piso de concreto manchado. Todas as bebidas tinham nomes como *Red Line Latte* e *Checkered Flag* Cappuccino. Era a cereja do bolo.

Havia um pequeno grupo de madrugadores bebedores de café sentado nas pequenas mesas redondas espalhadas por todo o lugar. Todas as pessoas olhavam para mim como se não estivessem *nada* satisfeitas em me ver.

— Gosta de xarope de bordo e bacon, querida? — falou Justice da máquina de café expresso reluzente.

— Eu adoro. Ainda mais se vêm em um copo do tamanho de um balde — assegurei-lhe.

Sua risada ecoou pelo lugar e pareceu relaxar o restante dos clientes que voltou a me ignorar.

A porta da frente se abriu, e eu me virei, esperando ver Tina.

Mas o homem que invadiu a cafeteria com certeza *não* era a minha irmã. Ele parecia precisar de cafeína com mais urgência do que eu.

Gostoso seria uma maneira decente de descrevê-lo. Gostoso pra caramba serviria como uma luva. Ele era tão alto que eu poderia usar meus saltos mais altos e ainda teria que inclinar a cabeça para beijá-lo — minha classificação oficial de altura masculina. Seu cabelo era loiro com a raiz mais escura, curto nas laterais e jogado para trás em cima, o que sugeria que ele tinha bom gosto e sabia se arrumar.

Ambos os critérios ocupavam o topo da minha Lista de Motivos para Me Sentir Atraída por um Homem. A barba era uma novíssima adição à lista. Eu nunca havia beijado um homem com barba e tive um interesse repentino e irracional em experimentar isso em algum momento.

Então cheguei aos olhos dele. Eram de um azul-cinza frio que me lembrava o metal de armas e geleiras.

Ele caminhou até mim e entrou no meu espaço pessoal como se tivesse um convite permanente. Quando cruzou os antebraços tatuados em frente a um peito largo, fiz um som estridente na parte de trás da garganta.

Uau.

— Pensei que tivesse sido bem claro — grunhiu.

— Hã. Quê?

Fiquei confusa. O homem estava me olhando como se eu fosse o personagem mais odiado de um reality show e ainda assim eu que-



ria saber como ele era pelado. Eu não tinha um discernimento sexual tão ruim desde que estava na faculdade.

Culpei minha exaustão e meus abalos emocionais por isso.

Atrás do balcão, Justice interrompeu a criação do *latte* e colocou as duas mãos no ar num gesto apaziguador.

— Calma — começou ele.

— Tudo bem, Justice — assegurei-lhe. — Continue fazendo esse café, e eu cuidarei desse... *cavalheiro*.

Cadeiras foram afastadas das mesas ao nosso redor, e eu observei como cada cliente correu em fila para a porta, alguns com as canecas ainda na mão. Nenhum fez contato visual comigo ao sair.

— Knox, não é o que você pensa — tentou de novo Justice.

— Não estou para brincadeira hoje. Dê o fora — ordenou o viking. O deus da fúria loiro e gostoso estava despencando na minha lista de verificação de gostosos a uma velocidade absurda.

Aponte para o meu peito.

— Eu?

— Estou farto dos seus joguinhos. Você tem 5 segundos para sair por essa porta e nunca mais voltar — disse ele, chegando ainda mais perto até que as pontas de suas botas encostaram em meus dedos expostos nos chinelos.

Droga. De perto, parecia que tinha acabado de sair de um navio viking saqueador... ou o set de um comercial de colônia. Um daqueles estranhos e rebuscados que não fazia sentido e tinha nomes como Besta Ignorante.

— Olha aqui, *senhor*. Estou no meio de uma crise pessoal e só estou tentando tomar uma xícara de café.

— Porra, eu te avisei, Tina. Não é para você pôr os pés aqui e assediar Justice ou os clientes dele de novo, ou eu mesmo escoltarei sua bunda para fora da cidade.

— Knox...

O homem-fera mal-humorado e atraente ergueu o dedo na direção de Justice.

— Um segundo, parceiro. Parece que tenho que recolher o lixo.

— O *lixo*? — arfei. Pensei que as pessoas da Virgínia fossem amigáveis. Em vez disso, eu estava na cidade há apenas meia hora e agora estava sendo grosseiramente abordada por um viking com modos de um homem das cavernas.



— Querida, seu café está pronto — falou Justice, deslizando um copo para viagem muito grande pelo balcão de madeira. Meus olhos dispararam em direção à delícia fumegante e cafeinada.

— Nem pense em pegar aquele copo ou nós teremos problemas — disse o viking, sua voz baixa e perigosa.

Mas Leif Eriksson não sabia com quem estava se metendo hoje.

Toda mulher tinha seu limite. O meu, que reconheço ter sido demarcado longe demais, acabara de ser ultrapassado.

— Dê um passo em direção ao belo *latte* que meu amigo Justice fez especialmente para mim, e farei você se arrepender do momento em que me conheceu.

Eu era uma boa pessoa. De acordo com meus pais, eu era uma boa garota. E de acordo com o teste online que fiz há duas semanas, era um doce de pessoa. Eu não era boa em sair distribuindo ameaças.

Os olhos do homem se estreitaram e recusei-me a notar as rugas sensuais nos cantos.

— Eu já me arrependo, e toda essa maldita cidade também. Só porque pintou o cabelo não significa que vou esquecer as confusões que causou aqui. Agora se mande daqui e não volte.

— Ele acha que você é a Tina — interveio Justice.

Não interessa se esse babaca achava que eu era uma assassina em série canibal. Ele se interpôs entre mim e minha cafeína.

A fera loira virou a cabeça para Justice.

— Que diabos você está dizendo?

Antes que meu bom amigo com o café pudesse explicar, enfiei meu dedo no peito do viking. Não foi muito longe, graças à camada obscena de músculo sob a pele. Mas eu me certifiquei de usar a unha.

— Agora *você vai me ouvir* — comecei. — Não me interessa se acha que eu sou minha irmã ou aquele patife que elevou o preço dos medicamentos antimalária. Eu sou um *ser humano* tendo um péssimo dia depois do pior dia da vida. Eu *não* tenho mais forças para engolir sapo hoje. Então é melhor você sair da minha frente e me deixar em paz, viking.

Ele pareceu francamente confuso por um breve segundo.

Eu interpretei que era hora do café. Contornando-o, peguei o copo, dei uma fungada delicada e, em seguida, enfiei meu rosto na força vital quente e fumegante.

Bebi com gosto, deixando a cafeína realizar seus milagres enquanto sabores explodiam na minha língua. Estava certa de que



o gemido inadequado que ouvi vinha da minha própria boca, mas estava cansada demais para me importar. Quando por fim abaixei o copo e passei o dorso da mão sobre a boca, o viking ainda estava parado lá, me encarando.

Virando as costas para ele, sorri para o meu herói Justice e deslizei minha nota de vinte dólares para cafês de emergência no balcão.

— Você, senhor, é um artista. Quanto te devo pelo melhor *latte* que já tomei na vida?

— Considerando a manhã que você está tendo, querida, é por conta da casa — disse, devolvendo a carteira de motorista e o dinheiro.

— Você, meu amigo, é um verdadeiro cavalheiro. *Diferente de certas pessoas.* — Lancei um olhar furioso sobre o meu ombro para onde o viking estava parado com as pernas apoiadas e os braços cruzados. Tomando outro gole da bebida, enfiei os vinte no frasco de gorjetas. — Obrigada por ser gentil comigo no pior dia da minha vida.

— Pensei que tivesse sido ontem — intrometeu-se o brutamontes carrancudo.

Meu suspiro saiu exausto quando me virei sem pressa para enfrentá-lo.

— Isso foi antes de eu te conhecer. Então posso dizer oficialmente que por pior que ontem tenha sido, hoje conseguiu superar por uma pequena margem. — Mais uma vez, voltei a atenção para Justice. — Lamento que esse imbecil tenha assustado todos os seus clientes. Mas voltarei para mais um deste em breve.

— Não vejo a hora, Naomi — falou com uma piscadela.

Virei-me para sair e esbarrei no 1,5 quilômetro de peito de homem mal-humorado.

— Naomi? — falou ele.

— Saia daqui. — Foi quase bom ser grossa uma vez na vida. Posicionar-me.

— Seu nome é Naomi — afirmou o viking.

Eu estava ocupada demais tentando incinerá-lo com um olhar de raiva justificada para responder.

— Não Tina? — pressionou.

— Elas são gêmeas, cara — disse Justice, o sorriso evidente na voz.

— Cacete. — O viking enfiou a mão no cabelo.

— Estou preocupada com a visão do seu amigo — falei a Justice, apontando para a foto da Tina.



Tina tinha tingido o cabelo de loiro em algum momento da última década, tornando nossas diferenças sutis ainda mais óbvias.

— Deixei minhas lentes em casa — disse ele.

— Ao lado dos seus modos? — graciei. A cafeína estava afetando minha corrente sanguínea, tornando-me mais mal-humorada do que eu costumava ser.

Ele não respondeu com nada além de um olhar raivoso. Suspirei.

— Saia da frente, Leif Eriksson.

— Meu nome é Knox. E por que você está aqui?

Que raio de nome era esse? Ele bebia muito suco detox? Fazia botox? Era um apelido? Para Knoxwell? Knoxathan?

— Isso não é da sua conta, *Knox*. Nada que eu faça ou deixe de fazer é da sua conta. Na verdade, minha existência não é da sua conta. Agora, por gentileza, saia da frente.

Eu estava com vontade de gritar o mais alto possível pelo máximo de tempo que pudesse, mas havia tentado isso durante a longa viagem até aqui e não ajudou.

Felizmente, o lindo traste soltou um suspiro irritado e fez a coisa racional e que preservaria sua vida, saiu da minha frente. Meti o pé da cafeteria em direção ao verão abafado com a maior dignidade possível.

Se Tina quisesse se encontrar comigo, teria de me encontrar na pousada. Eu não ia esperar enquanto era abordada por estranhos com personalidades de cactos.

Eu voltaria para o meu quarto lúgubre, tiraria todos os grampos do cabelo e tomaria banho até que a água quente acabasse. Depois descobriria o que fazer a seguir.

Era um bom plano. Só faltava uma coisa. O meu carro.

Ah, não! Meu carro e minha bolsa.

O bicicletário em frente à cafeteria ainda estava lá. A lavanderia com seus cartazes coloridos na janela ainda estava do outro lado da rua ao lado da oficina do mecânico.

Mas o meu carro não estava onde o tinha deixado.

A vaga de estacionamento em frente à loja de animais onde eu tinha espremido o carro estava vazia.

Olhei de um lado para o outro no quarteirão. Mas não havia sinal do meu confiável e empoeirado Volvo.

— Está perdida?



Fechei os olhos e apertei a mandíbula.

— Saia. Daqui.

— Qual é o seu problema agora?

Eu me virei e encontrei Knox me observando com atenção, segurando um copo de café para viagem.

— Qual é o meu problema? — repeti.

Eu queria chutá-lo nas canelas e roubar seu café.

— Não tem nada de errado com a minha audição, anjo. Não precisa gritar.

— Meu *problema* é que enquanto eu perdia 5 minutos da minha vida te conhecendo, meu carro foi rebocado.

— Tem certeza?

— Não. Nunca sei onde estaciono meu carro. Eu apenas os deixo em qualquer canto e compro novos quando não consigo achá-los.

Ele me lançou um olhar.

Revirei os olhos.

— Estou sendo sarcástica, é claro.

Estendi a mão para pegar o telefone e lembrei que eu não tinha mais um.

— Que bicho te mordeu?

— Quem quer que tenha te ensinado a demonstrar preocupação por alguém, ensinou errado. — Sem dizer mais nada, afastei-me, altiva e orgulhosa, e fui em direção ao que esperava ser a delegacia local.

Uma mão grande e forte segurou meu braço antes de eu chegar à loja seguinte.

Era a privação do sono, o emocional à flor da pele, disse a mim mesma. Esses foram os motivos que me fizeram sentir uma *fálsca* intensa com o toque dele.

— Pare — ordenou, soando ranzinza.

— Me. Largue. — Debati meu braço desajeitadamente, mas ele segurou com mais firmeza.

— Então pare de se afastar de mim.

Parei de me debater em vão.

— Vou parar de me afastar se você parar de ser um babaca.

Suas narinas se expandiram enquanto ele olhava para o céu, e pensei tê-lo escutado contando.



— É sério que está contando até dez? *Eu* que fui injustiçada. *Eu* que tenho motivos para orar aos céus pedindo paciência.

Ele chegou a dez e ainda parecia irritado.

— Se eu parar de ser babaca, você vai ficar e conversar por 1 minuto?

Tomei outro gole de café e pensei no assunto.

— Talvez.

— Vou soltar — avisou ele.

— Ótimo — motivei.

Nós dois olhamos para a mão dele no meu braço. Pouco a pouco, ele foi largando e me soltou, mas não antes que as pontas dos dedos se arrastassem pela pele sensível da parte interna do meu braço.

Arrepios irromperam e torci para que ele não notasse. Em especial porque, no meu corpo, arrepios e reações pontudas nos mamilos tinham uma estreita relação.

— Está com frio? — Seu olhar com certeza não estava no braço ou nos ombros, mas no meu peito.

Droga.

— Sim — menti.

— Está 29°C, e você está bebendo café quente.

— Se terminou sua lógica masculina sobre temperatura interna do corpo, eu gostaria de ir encontrar meu carro — falei, cruzando o braço livre sobre meus peitos traidores. — Talvez você pudesse me informar a direção do estacionamento de veículos rebocados mais próximo ou da delegacia?

Ele olhou para mim por longos instantes, depois balançou a cabeça.

— Vamos lá então.

— Perdão?

— Vou te dar uma carona.

— Rá! — Sufoquei uma risada. Ele estava delirando se acreditava que eu entraria de bom grado em um carro com ele.

Eu ainda estava balançando a cabeça quando ele falou de novo.

— Vamos, Daisy. Não tenho o dia todo.





DOIS
UM HERÓI RELUTANTE

Knox

A mulher estava me encarando como se eu tivesse sugerido que ela desse um beijo de língua em uma cascavel.

Não era nem para o meu dia ter começado ainda e já estava uma merda. Eu a culpava. E sua irmã idiota, Tina.

Também joguei parte da culpa em Agatha para completar, já que foi ela quem me mandou uma mensagem dizendo que Tina tinha acabado de levar seu “traseiro baderneiro” para a cafeteria.

Agora aqui estava eu, no que contava como o cantar do galo, bancando o “cara, crachá” da cidade como um idiota e discutindo com uma mulher que eu nunca tinha visto na vida.

Naomi piscou como se estivesse recobrando os sentidos.

— É brincadeira, né?

Agatha precisava ir à porra de um oftalmologista se havia confundido a morena brava com a irmã loira oxigenada, bronzeadada e tatuada.

As diferenças entre elas eram bem óbvias, mesmo sem minhas lentes de contato. O rosto de Tina era da cor e da textura de um sofá de couro velho e meia-boca. Ela tinha uma boca suja coberta por linhas de expressão causadas por fumar dois maços por dia e agia como se o mundo estivesse em dívida com ela.

Naomi, por outro lado, era uma história totalmente diferente. Era mais classuda. Ela era alta como a irmã. Mas em vez da aparência de ter ficado no sol até a pele rachar, tendia mais para princesa da Disney com um cabelo grosso da cor de castanha assada. Os fios e

as flores que estavam nele tentavam escapar de algum tipo de coque elaborado. O rosto era mais macio, a pele mais hidratada. Os lábios eram cheios e cor-de-rosa. Os olhos me faziam pensar no chão das florestas e campos abertos.

Enquanto Tina se vestia como uma motociclista que havia passado por um triturador de madeira, Naomi usava shorts esportivos de alta qualidade com uma regata combinando por cima de um corpo tonificado que prometia mais do que algumas boas surpresas.

Ela parecia o tipo de mulher que bastaria me olhar uma vez para dar no pé com o primeiro diretor de empresa vestindo camisa polo que pudesse encontrar.

Para a sorte dela, eu não curtia picuinhas. Ou mulheres carentes e exigentes demais. Não curtia princesas inocentes que precisam ser salvas. Não perdia tempo com mulheres que exigiam mais do que diversão e alguns orgasmos.

Mas como já tinha metido o nariz na situação, chamado-a de lixo e gritado com ela, o mínimo que eu poderia fazer era acabar logo com a situação. Depois voltaria para a cama.

— Não. Não estou brincando — afirmei.

— Eu não vou a lugar nenhum com você.

— Você não tem carro — salientei.

— Obrigada, sabichão. Sei que não tenho carro.

— Deixa eu ver se entendi. Você é uma estranha numa nova cidade. O seu carro desapareceu. E está recusando a oferta de carona porque...

— Porque você invadiu uma cafeteria e gritou comigo! Depois me perseguiu e *continua* gritando. Se eu entrar em um carro com você é mais provável eu ser cortada em pedacinhos e espalhada em um deserto do que chegar ao meu destino.

— Não tem desertos aqui. Mas tem algumas montanhas.

Sua expressão sugeria que ela não me achou prestativo ou engraçado.

Soltei o ar entre os dentes.

— Olha. Estou cansado. Recebi um alerta de que a Tina estava causando confusão na cafeteria de novo, e foi nisso que pensei estar me metendo.

Ela tomou um longo gole de café enquanto olhava de um lado para outro na rua como se estivesse considerando uma fuga.

— Nem pense nisso — disse a ela. — Vai derramar o café.



Quando aqueles lindos olhos avelã se arregalaram, eu sabia que tinha acertado em cheio.

— Tá. Mas só porque este é o melhor *latte* que já provei na vida. E esta é a sua ideia de pedido de desculpas? Porque é tão deplorável quanto a forma que você pergunta às pessoas se algo está errado.

— Foi uma explicação. Aceite ou não. — Eu não perdia tempo fazendo coisas que não importavam. Como conversa fiada ou pedidos de desculpas.

Uma moto ribombou pela rua com Rob Zombie saindo dos alto-falantes, apesar de ser apenas sete da manhã. O cara nos olhou e acelerou o motor. Wraith estava chegando aos 70 anos, mas ainda conseguia garantir uma quantidade astronômica de histórias para contar com todo o lance de coroa grisalho e tatuado que rolava com ele.

Intrigada, Naomi o observou com a boca aberta.

Hoje não seria o dia em que a Pequena Miss Margaridas no Cabelo exploraria o mau caminho.

Acenei um “vaza” com a cabeça para Wraith, tirei o precioso café da mão da Naomi e fui para a calçada.

— Ei!

Ela foi atrás como eu sabia que faria. Poderia tê-la levado pela mão, mas não gostei muito da reação que eu tinha tido quando toquei nela. Pareceu ser complicada.

— Deveria ter ficado na porra da cama — murmurei.

— Qual o seu problema? — exigiu Naomi, correndo para me alcançar. Ela estendeu a mão para o copo, mas eu o afastei e continuei andando.

— Se não quiser acabar amarrada na parte de trás da moto do Wraith, sugiro que entre na minha caminhonete.

A “Paz e Amor” desgrenhada murmurou algumas coisas descorteses sobre minha personalidade e anatomia.

— Olha. Se conseguir parar de ser uma chata de galocha por 5 minutos, eu te levo à delegacia. Você pode pegar a porcaria do carro e então vazar da minha vida.

— Alguém já disse que você tem a personalidade de um porco-espinho zangado?

Eu a ignorei e continuei andando.

— Como eu sei que você mesmo não vai tentar me amarrar? — exigiu saber.

Eu parei e a olhei de alto a baixo sem pressa.



— Linda, você não é o meu tipo.

Ela revirou os olhos com tanta força que foi um milagre eles não saltarem e caírem na calçada.

— Licença enquanto eu derramo rios de lágrimas sozinha.

Saí do meio-fio e abri a porta do passageiro da minha picape.

— Entra.

— Seu cavalheirismo é uma lástima — reclamou ela.

— Cavalheirismo?

— Significa...

— Jesus. Sei o que significa.

E eu sabia o que significava ela ter usado na conversa. Cacete, ela tinha flores no cabelo. A mulher era romântica. Outro ponto contra ela na minha lista. Mulheres românticas eram as mais difíceis de conseguir se livrar. As pegajosas. Aquelas que fingiam saber lidar com toda a ideia de “sem compromisso”. Enquanto isso, planejavam se tornar “a pessoa certa”, tentando convencer os homens a conhecer os pais delas e procurando vestidos de noiva por baixo dos panos.

Quando não entrou sozinha, passei por ela e coloquei o café no porta-copos.

— Não estou nada feliz com você no momento — disse ela.

O espaço entre nossos corpos estava carregado com o tipo de energia que eu normalmente sentia pouco antes de uma boa briga de bar. Perigoso, encorajante. Não dei muita atenção.

— Entre na porcaria da caminhonete.

Considerando como um pequeno milagre quando ela obedeceu, bati a porta na cara amarrada dela.

— Tudo certinho aí, Knox? — falou Bud Nickelbee da porta de sua loja de ferragens. Ele estava vestido em seu uniforme habitual, uma jardineira e uma camiseta do Led Zepplin por baixo. O rabo de cavalo, fino e cinza, que usava há 30 anos caído nas costas, fazia-no parecer um George Carlin mais pesado e menos engraçado.

— Tudo certo — assegurei-lhe.

Seu olhar passou para Naomi através do para-brisas.

— Ligue se precisar de ajuda com o corpo.

Subi ao volante e liguei o motor.

— Uma testemunha me viu entrar na caminhonete, então eu pensaria duas vezes antes de me matar a esta altura — disse ela, apontando para Bud, que ainda estava nos observando.



Era óbvio que ela não tinha escutado o comentário dele.

— Eu não vou matar você — esbravejei. *Ainda*.

Ela já estava com o cinto posto, as longas pernas cruzadas. Uma sandália estava pendurada nos dedos dos pés enquanto balançava o pé. Ambos os joelhos estavam machucados, e notei um arranhão feio em seu antebraço direito. Disse a mim mesmo que não era do meu interesse e dei marcha à ré na caminhonete. Eu a largaria na delegacia — esperava que fosse cedo o suficiente para evitar quem eu queria evitar — e me certificaria de que ela pegou a porcaria do carro. Se tivesse sorte, eu ainda poderia dar uma cochilada por mais 1 hora antes que tivesse de começar oficialmente o meu dia.

— Sabe — começou ela —, se alguém entre nós tem o direito de estar chateado, esse alguém sou eu. Eu nem te conheço, e você está gritando na minha cara, se interpondo entre mim e meu café, e depois praticamente me sequestrando. Você tem zero motivos para ficar chateado.

— Você não faz ideia, anjo. Tenho muitos motivos para ficar chateado, e muitos deles envolvem sua irmã imprestável.

— Tina pode não ser a melhor das pessoas, mas isso não lhe dá o direito de ser tão cretino. Ela ainda é família — menosprezou Naomi.

— Eu não aplicaria o rótulo “pessoas” à sua irmã. — Tina era um monstro de primeiro grau. Ela roubava. Mentia. Comprava brigas. Bebia demais. Banhava-se de menos. E não tinha consideração por mais ninguém. Tudo porque achava que o mundo devia algo a ela.

— Escute, ilustre desconhecido. As únicas pessoas que podem falar dela assim são eu, nossos pais e a turma de formandos de 2003 da Andersontown High. E talvez também o corpo de bombeiros de Andersontown. Mas só porque eles ganharam esse direito. Você não, e dispense você descontando seus problemas com a minha irmã em mim.

— Que seja — falei entre os dentes.

Nós seguimos o resto do caminho em silêncio. O Departamento de Polícia de Knockemout ficava a poucos quarteirões da via principal e dividia um prédio novo com a Biblioteca Pública da cidade. Só em vê-lo, o tique no músculo debaixo do meu olho começou.

Havia uma caminhonete, uma viatura e uma Harley Fat Boy no estacionamento. Não havia sinal do SUV do chefe. Graças a Deus pelos pequenos milagres.

— Venha. Vamos acabar com isso.

— Você não precisa entrar — menosprezou Naomi. Ela estava olhando o café vazio com olhos de cachorro abandonado.



Com um resmungo, dei meu próprio café quase intocado para ela.

— Vou te acompanhar até o balcão, garantir que estão com seu carro e depois nunca mais te ver.

— Tá. Mas não vou agradecer.

Não me dei ao trabalho de responder porque estava muito ocupado me dirigindo à porta da frente e ignorando as letras grandes e douradas acima dela.

— Prédio Municipal Knox Morgan.

Fingi que não a ouvi e deixei a porta de vidro fechar após passar.

— Há mais de um Knox nesta cidade? — perguntou ela, abrindo a porta com força e me seguindo.

— Não — falei, esperando que isso acabasse com as perguntas que não queria responder. O prédio era relativamente novo, com uma tonelada de vidro, corredores largos e aquele cheiro de tinta fresca.

— Então é o seu nome no prédio? — pressionou ela, correndo de novo para me acompanhar.

— Acho que é. — Escancarei outra porta à direita e gesticulei para ela entrar.

A repartição policial de Knockemout parecia mais um daqueles pontos de encontro de escritório compartilhado que os descolados das cidades grandes gostavam do que uma delegacia de polícia. Isso havia irritado os rapazes e as moças de farda que se orgulhavam de seu abrigo mofado e caindo aos pedaços com luzes fluorescentes piscando e tapetes manchados de décadas de criminosos.

O aborrecimento deles com a tinta brilhante e os móveis de escritório novos e lustrosos era a única coisa que eu não odiava.

A polícia de Knockemout fez o possível para reencontrar suas raízes, empilhando torres preciosas de pastas de casos em cima de mesas de bambu de altura ajustável e preparando café muito barato e muito forte 24 horas por dia, 7 dias por semana. Havia uma caixa de rosquinhas velhas aberta no balcão e impressões digitais de açúcar de confeitiro em todos os lugares. Mas até agora nada tinha tirado o brilho de novidade do maldito edifício Knox Morgan.

O sargento Grave Hopper estava atrás de sua mesa mexendo meio quilo de açúcar no café. Um membro aposentado de moto clube, ele agora passava as noites da semana treinando o time de softball da filha e os fins de semana cortando gramados. O dele e de sua sogra. Mas, uma vez por ano, ele colocava a esposa na garupa da moto, e disparavam para reviver os dias de glória na estrada aberta.



Ele viu a mim e minha convidada e quase derrubou todo o conteúdo da caneca em cima de si.

— O que está havendo, Knox? — perguntou Grave, agora encarando Naomi sem disfarçar.

Não era segredo na cidade que minha relação com o departamento de polícia era a mínima possível. Também não era novidade que Tina era o tipo de encrenca que eu não tolerava.

— Esta é a Naomi. Gêmea da Tina — expliquei. — Ela acabou de chegar à cidade e diz que o carro foi rebocado. Vocês o deixaram lá nos fundos?

A polícia de Knockemout geralmente tinha coisas mais importantes com que se preocupar do que vagas de estacionamento e deixava os cidadãos estacionarem onde quer que quisessem, quando quisessem, desde que não fosse na calçada.

— Vou voltar depois a essa história de irmã gêmea — alertou Grave, apontando a palheta de mexer café para nós. — Mas, primeiro, só eu estou aqui até agora, e eu não reboquei nada.

Porra. Passei uma mão pelo cabelo.

— Se não foi você, faz ideia de quem poderia ter rebocado? — perguntou Naomi toda esperançosa.

Claro. Apareci para salvar o dia e trazê-la até aqui, mas quem ganhou sorriso e as palavras amáveis foi o veterano Grave.

Grave, o desgraçado, estava deitando e rolando com cada palavra dela, sorrindo para ela como se fosse um bolo de chocolate de sete camadas.

— Eis o seguinte, Tin... digo, Naomi — começou Grave. — A meu ver, há duas coisas que poderiam ter acontecido. A: você esqueceu onde estacionou. Mas uma garota como você em uma cidade tão pequena, não parece provável.

— Não, não parece — concordou ela de forma amigável e sem chamá-lo de sabichão.

— Ou B: alguém roubou seu carro.

Adeus soneca.

— Eu estacionei bem em frente à loja de animais porque estava perto do café onde eu deveria ter me encontrado com minha irmã.

Grave me lançou um olhar, e eu assenti. Era melhor acabar com esta parte, como arrancar a porra de um curativo.

— Então Tina sabia que você estava vindo para a cidade, sabia onde estaria? — esclareceu ele.



Naomi não se dava conta de onde ele queria chegar. Ela assentiu, toda ingênua e esperançosa.

— Sim. Ela me ligou ontem à noite. Falou que estava em apuros e precisava que eu a encontrasse no Café Rev às 7h da manhã de hoje.

— Olha, querida. — Grave pigarreou. — Eu não quero difamar ninguém, é claro. Mas é possível que...

— A idiota da sua irmã roubou seu carro — intervi.

Os olhos avelã de Naomi se voltaram para mim. Ela não parecia amável ou esperançosa agora. Não. Parecia querer cometer uma contravenção. Talvez até um crime.

— Temo que Knox aqui esteja certo — disse Grave. — Sua irmã tem causado confusão desde que chegou à cidade há 1 ano. Nem deve ser o primeiro carro em que ela pôs as mãos.

As narinas de Naomi se expandiram com delicadeza. Ela levou meu café à boca, terminou em alguns goles determinados, depois jogou o copo vazio na cesta de lixo ao lado da mesa.

— Obrigada pela ajuda. Se você vir um Volvo azul com um adesivo de para-choque escrito “Gentileza Gera Gentileza”, me avise, por favor.

Meu Senhor.

— Acredito que não tenha um desses aplicativos no telefone que diz onde está seu carro, não é? — perguntou Grave.

Ela colocou a mão no bolso, depois parou e apertou os olhos por um instante.

— Eu tinha.

— Mas não tem mais?

— Estou sem telefone. O meu quebrou, hã, ontem à noite.

— Tranquilo. Posso lançar um aviso para que os policiais fiquem atentos se você me der o número da placa — disse Grave, empurrando um pedaço de papel e uma caneta na direção dela de maneira prestativa. Ela os pegou e começou a escrever em cursiva elegante e fluida. — Você também pode deixar suas informações de contato, onde está hospedada e tal, para que eu ou Nash possa atualizá-la.

O nome fez meus dentes cerrarem mais.

— Fico feliz — disse Naomi, soando tudo menos isso.

— Hã. Você tem um marido ou namorado cujas informações de contato possa adicionar?

Eu o encarei.

Naomi balançou a cabeça.



— Não.

— Talvez uma namorada ou esposa? — tentou de novo.

— Estou solteira — falou ela, soando insegura o suficiente para despertar minha curiosidade.

— Olha só! O nosso chefe também — disse Grave, tão inocente quanto um motociclista de um 1,80 metro de altura com antecedentes criminais poderia soar.

— Podemos voltar para a parte em que você diz a Naomi que entrará em contato se encontrar o carro dela, o que todos sabemos que não vai acontecer? — esbravejei.

— Bem, com essa atitude, não vamos — repreendeu ela.

Porra, era a última vez que eu iria em socorro de alguém. Não era minha função. Não era minha responsabilidade. E agora estava custando meu sono.

— Quanto tempo vai ficar na cidade? — perguntou ele enquanto Naomi rabiscava suas informações no papel.

— Apenas o tempo necessário para encontrar e matar minha irmã — respondeu ela, tampando a caneta e devolvendo o papel. — Muito obrigada por sua ajuda, sargento.

— Imagina.

Ela se virou para olhar para mim. Nossos olhares se prenderam por um instante.

— Knox.

— Naomi.

Com isso, ela saiu da delegacia.

— Como duas irmãs podem ser tão parecidas e não ter mais nada em comum? — perguntou-se Grave.

— Não me interessa — falei com honestidade e saí atrás dela.

Eu a encontrei andando e murmurando para si mesma na frente da rampa de acessibilidade.

— Qual é o seu plano? — perguntei num estado de resignação.

Ela me olhou e seus lábios se franziram.

— Plano? — repetiu, a voz falhando.

Meu instinto de sobrevivência entrou em ação. Eu odiava lágrimas. Especialmente lágrimas de persuasão feminina. Uma mulher chorando fazia eu me sentir como se estivessem me despedaçando de dentro para fora, uma arma que eu nunca revelaria a alguém.

— Não chore — pedi.



Seus olhos estavam marejados.

— Chorar? Não vou chorar.

Ela era uma péssima mentirosa.

— Não chore, porra. É apenas um carro, e sua irmã não vale nada. Não vale a pena chorar.

Ela piscou em ritmo acelerado, e eu não sabia se iria chorar ou gritar comigo de novo. Mas ela me surpreendeu ao não fazer nenhum dos dois. Endireitou os ombros e assentiu.

— Você está certo. É só um carro. Posso solicitar novos cartões de crédito, uma nova bolsa e outro estoque de molhos de mostarda e mel.

— Diga para onde precisa ir, e eu te levo. Você pode alugar um carro e seguir seu caminho. — Apontei meu polegar na direção da caminhonete.

Mais uma vez ela olhou de um lado para outro da rua, provavelmente esperando que algum herói de terno e gravata aparecesse. Quando nenhum apareceu, suspirou.

— Eu aluguei um quarto na pousada.

Havia apenas uma pousada na cidade. Uma pocilga de apenas um andar e uma estrela que não valia um nome oficial. Fiquei impressionado por ela ter realmente se hospedado lá.

Voltamos para a minha caminhonete em silêncio. Seu ombro roçou meu braço, fazendo minha pele esquentar. Abri a porta de novo para ela. Não porque eu fosse um cavalheiro, mas porque alguma parte perversa de mim gostava de estar perto.

Esperei até ela colocar o cinto antes de fechar a porta e dar a volta na caminhonete.

— Molhos de mostarda e mel?

Ela olhou para mim enquanto eu me sentava no banco do motorista.

— Você ouviu falar daquele cara que atravessou a defesa metálica de uma estrada com o carro no inverno alguns anos atrás?

Não me era estranho.

— Ele não comeu nada além de sachês de ketchup por três dias.

— Você planeja atravessar uma defesa metálica com o carro?

— Não. Mas gosto de estar preparada. E eu não gosto de ketchup.

